

Ainda a Amazônia

Benedicto Ferri de Barros

"A Amazônia continua a ser uma reserva para o futuro. E neste futuro é que está o grande perigo."
Arthur Cezar Ferreira Reis

Ninguém como o autor da epígrafe acima, tirada da última linha de seu livro *A Amazônia e a Cobiça Internacional*, de 1960, como homem público e estudioso, se dedicou mais ao estudo e conhecimento da Amazônia e seus problemas. Com cerca de 30 obras publicadas no decorrer de quatro décadas (1931-68), ele continua, ainda hoje, a maior autoridade sobre a região.

O livro enfoca um dos grandes problemas brasileiros cuja atualidade não cessa de crescer em face da globalização e suas pressões. Nos 40 últimos anos, a cobiça por ele denunciada se agigantou e as iniciativas e impudência da intervenção internacional aumentaram. Para que não subsistam dúvidas quanto a isso, transcrevemos a seguir excerto de trabalho do historiador Hernani Donato publicado no número de dezembro de 2000 do *Boletim da Academia Paulista de História*:

"... da Declaração do Rio de Janeiro, se-
qüente ao 11º Encontro Nacional de Associações de Oficiais R12 11 ENOREX): – 'Se os países subdesenvolvidos não conseguem pagar suas dívidas externas, que vendam sua riqueza, seus territórios e suas fábricas' (Margaret Thatcher). – 'Ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é deles, mas de todos nós' (Al Gore, então vice-presidente dos EUA). – 'O Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia' (François Mitterrand, então presidente da França). – 'As nações desenvolvidas devem estender o domínio da lei ao que é comum de todo o

mundo. As campanhas ecologistas internacionais sobre a Região Amazônica estão deixando a fase propagandística para dar início a uma fase operativa que pode, definitivamente, ensejar intervenções militares diretas sobre a região' (John Major, então primeiro-ministro da Inglaterra). – 'Caso o Brasil resolva fazer uso da Amazônia, que ponha em risco o meio ambiente nos Estados Unidos, temos de estar prontos para interromper esse processo imediatamente' (general Batrick Hughes, chefe da Central de Informações das Forças Armadas Americanas). – 'Os países industrializados não poderão viver da maneira como existem até hoje, se não tive-

Desde sempre se sabe que "missionários" e "cientistas" estrangeiros se acham infiltrados e radicados por toda a Amazônia

rem à sua disposição os recursos naturais não renováveis do planeta. Terão de montar um sistema de pressões e constrangimento garantidores da consecução de seus intentos' (Henry Kissinger). – 'O Brasil deve delegar parte de seus direitos sobre a Amazônia a organismos internacionais competentes' (Mikhail Gorbachov, então primeiro-ministro da URSS). – 'Quando a questão é de meio ambiente não existem fronteiras' (Madeleine Albright, secretária de Estado dos EUA)."

A coisa vai mais longe ainda do que se tem consciência.

Os 200 povos indígenas que compreendem 350 mil pessoas, segundo estimativas

recentes, ocupam 11,5% de todo o território nacional, notadamente localizados na Amazônia. Setenta por cento de Roraima são florestas ou reservas indígenas. A esses "povos", um movimento internacional recente pretendia conferir o caráter de "nacionalidades", como se não integrassem a Nação brasileira. Quando da elaboração da Constituição de 88, uma entidade religiosa austríaca chegou ao desprazer de sugerir uma emenda a Constituinte dizendo em termos textuais: "O Brasil é uma República Federativa plurinacional" e "os membros das nações indígenas possuem nacionalidade própria, distinta da nacionalidade brasileira". O movimento viria respaldado (?) por abaixo-assinado de 500 ovelhas de d. Krautler, bispo da Cimi. Por estes dias ficou-se sabendo que parte enorme da Amazônia se acha em mãos de grileiros. E desde sempre se sabe que "missionários" e "cientistas" estrangeiros se acham infiltrados e radicados por todo o território amazônico, como cabeças-de-ponte de uma "quinta-coluna" nazi-fascista, segundo as classificou nosso então ministro da Aeronáutica brigadeiro Moreira Lima.

O assunto é sério, sim, mas à impudica e imprudente bravata do general Batrick Hughes, então chefe da Central de Informações das Forças Armadas Americanas, poderíamos responder debochadamente com a bravata maior de que ele se acha mal informado quanto às dimensões da Amazônia e o número da população brasileira, correspondentes a dezenas de Vietnãs.

Benedicto Ferri de Barros é da Academia Paulista de Letras e da Academia Internacional de Direito e Economia e-mail: bdebarros@sanet.com.br

Fonte	SOCIOAMBIENTAL
Data	19/1/2001
Class.	169
Documentação	